

PAIXÃO

POR SILVANA ASSUMPÇÃO
FOTOS SERGIO AMARAL



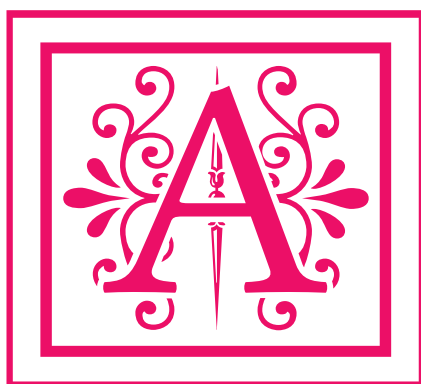
cabeça de papel

VIVENDO ENTRE 20 MIL LIVROS EM SUA PRÓPRIA CASA, O COLECIONADOR JOSÉ SALLES NETO TAMBÉM ESTENDE SUA VOLÚPIA LITERÁRIA ÀS PRECIOSAS EDIÇÕES QUE PRODUZ PARA UM PÚBLICO SELETO: A CONFRARIA DOS BIBLIÓFILOS DO BRASIL



BIBLIOTECA
CAMARA CASUDO





casa no Lago Norte em Brasília lembra discretamente a caixa-forte do Tio Patinhas. Seu dono, José Salles Neto, fez ele mesmo o projeto, está se vendo que é engenheiro... Ele ri: “Eu sou pé-de-boi, fiz mais para ser seguro”. Se o critério for esse, os cerca de 800 metros literalmente quadrados da construção de dois andares se justificam plenamente. Tal qual o pato mais rico do mundo, esse mineiro de Araxá também é o dono ciumento de um volumoso tesouro. Volumoso em tamanho, número e até em gênero, já que estamos falando de livros. Está certo que existem na casa pelo menos uns três banheiros, cozinha e dois quartos de

dormir – o dele mesmo e o de um de seus dois filhos, Bernardo (o outro, Gregório, gêmeo deste, já se casou e mudou). Mas a normalidade da vida em seu interior acaba aí. Desde que a porta da frente se abre, estamos num labirinto de estantes. Nada de saguão, sala de visitas etc. De fato, ali não é lugar para visitas – a menos que se pense, como num museu, em visita guiada.

Depois de varar os primeiros metros apertados entre prateleiras repletas, e de acostumar a vista à penumbra, a primeira parada do recém-chegado é junto a uma grande mesa tomada por caixas e pilhas de livros. A parada é de pé, já que o mesmo panorama se estende às cadeiras. E com cuidado para não tropeçar em outras caixas e pilhas formadas desde o chão. Desse ponto já se descortina a passagem para outro aposento, no alto da qual uma placa artesanal anuncia que não estamos numa simples residência, mas sim na Biblioteca Câmara Cascudo. É uma homenagem de Salles a quem ele considera o gênio maior da nossa raça, sempre menos lembrado do que sua vastíssima obra de antropólogo, sociólogo e historiador da cultura popular merece. “Falava 17 línguas, escreveu 102 livros”, entusiasma-se o anfitrião muito falante, simpaticíssimo, que a cada instante aponta um livro (no total, são cerca de 20 mil) e despeja numa torrente de informações sobre como o adquiriu, seu conteúdo ou autor, num sem-fim de histórias entremeadas de “trens” e “sôs”.

O PACOTE INTOCADO

Uma dessas histórias diz muito sobre a personalidade do colecionador e criador da Confraria dos Bibliófilos do Brasil, associação sem fins lucrativos que agrega mais de 350 amantes de livros país a fora e merece capítulo à parte [*leia quadro a respeito*]. Em 1996, tendo ido à Alemanha para a Feira de Livros de Frankfurt (que naquele ano, como agora em 2013, homenageava o Brasil), aproveitou para ir também a Leipzig, até poucos anos antes parte da antiga República Democrática Alemã, do lado oriental do Muro. Era um



domingo e os livreiros da cidade expunham seus produtos pelas calçadas. Perambulando e comprando, já carregado de pacotes, a certa altura topou com dois velhos tipógrafos, ambos de mais de 80 anos de idade. Tinham só um livro para vender, mas que livro! Tratava-se de uma reprodução artesanal do célebre *Birds of America*, do grande naturalista e ilustrador John James Audubon (1785-1851), em tamanho natural. A saber, um grosso volume com pranchas de 1,10 metro de altura por 90 centímetros de largura.

Como nenhum dos dois falasse uma palavra de inglês, foi um custo negociar preço – que afinal saiu baratíssimo. Um real pagava 3 marcos na época, então Salles calcula ter feito a preciosa aquisição pelo que hoje seriam uns R\$ 600, frete incluído. Acertar este último foi outra luta, mas enfim ele deixou com os tipógrafos seu endereço e saiu levando o deles no bolso. “Eu confiava que iriam mandar”, diz. Mas, passados meses de seu regresso, nada de livro. Salles escreveu uma carta em inglês – nada de resposta também. Mais alguns meses e escreveu novamente. Dessa vez recebeu uma resposta, escrita por alguém em nome dos tipógrafos, avisando que o livro já fora enviado... só que para o porto de Santos! “Não devem ter entendido direito o endereço, então enviaram para o Brasil pelo porto de Hamburgo, que remeteu o pacote para Santos.” Mais alguns esforços e os pássaros de Audubon finalmente pousaram em sua casa – desde a compra, havia se passado exatamente um ano!

O mais interessante, no entanto, vem a seguir: acredite se quiser, Salles até hoje não abriu o reforçado pacote feito pelos velhinhos de Leipzig 17 anos atrás! “Tenho tanta caixa para abrir, tanta coisa para ler, tanta coisa para organizar que não dá tempo, não dou conta.” Mas ele também gosta da ideia de fazer da abertura do pacote uma ocasião. “Talvez eu e Inês venhamos a fazer isso neste Natal, pode ser.” Maria Inês dos Santos é sua companheira há 30 anos e infatigável ajudante na organização da biblioteca e na Confraria, ela também dona de uma belíssima biblioteca em sua própria casa com cerca de 5 mil livros, todos de literatura brasileira.

CHINÊS-PORTUGUÊS

Os dois se conheceram trabalhando na antiga Telebrasil (depois Brasil Telecom e hoje Oi), onde ele, engenheiro eletrônico, fez carreira por 32 anos. Nunca moraram juntos, e a razão salta aos olhos. Na casa de Salles, aposentado há 12 anos, não existe lugar para uma vida de casal – só para sua solitária divagação entre livros e música (ele tem vários aparelhos de som), lendo um capítulo de um, folheando outro, remexendo aqui e ali. Fora Inês, Salles não admite nem a hipótese da companhia de algum amigo ou colecionador fuçando à vontade suas estantes. E faxineira, só uma vez por semana. É Salles quem cozinha para si e para Bernardo – os gêmeos, de 33 anos, nasceram de outra antiga relação. Criou sozinho os filhos depois da morte da mãe deles e gaba-se de cozinhar muito bem. Já ganhou até um concurso do *Jornal do Brasil*, anos atrás, com duas receitas enviadas (ambas caseiras e mineiríssimas como o autor), e foi passar no Rio de Janeiro uma semana de rei, frequentando os melhores restaurantes com os críticos do jornal.



Voltemos às prateleiras, que o caminho é longo. Enveredando por corredores, subindo ou descendo escadas, quem percorre as fileiras e mais fileiras de estantes da casa de Salles logo abandona qualquer esperança de encontrar sozinho o caminho de volta (a visita é guiada, lembra?). Não se vê também praticamente nenhuma janela, quase todas tapadas por prateleiras. Estas não só recobrem as paredes como formam filas com corredores entre elas. E assim se entra e se sai de aposentos sem perceber se o que os delimita são paredes ou as próprias estantes, que mudam de direção formando nichos, bibliotecas separadas. Aquela parte da entrada é a de livros de arte, uma coleção de mais de 3 mil (segundo Salles, não há nada equivalente no Brasil), vários deles volumes colossais que Salles, como um pagador de promessas, muitas vezes carregou nos braços de hotel em hotel em suas andanças pelo exterior, até poder largá-los sobre a mesa em Brasília.

Há entre suas coleções algumas raridades, mas ele não é um colecionador desse tipo. Tem por exemplo uma biblioteca só de dicionários. Se dentre estes figura um de chinês-português raríssimo, em quatro volumes, feito

por um padre de Macau com quem ele se correspondia, há também os Webster, Houaiss ou Michaelis, além de vários temáticos, como de plantas úteis e exóticas cultivadas no Brasil e por aí vai. Outra biblioteca compõe-se apenas de edições únicas, geralmente feitas por bancos, empresas ou instituições. Ela contém de curiosidades como um livro feito pelo Instituto Dorina Nowill com letras graúdas, para deficientes visuais, a maravilhas como um *Dom Quixote* ilustrado de mais de 1 metro de altura.

UM FILME POR DIA

Preciosidade que sozinha renderia uma reportagem inteira, outra coleção é a de gibis, batizada por ele de Biblioteca Will Eisner (o famoso autor de *The Spirit*), que abriga de tudo. Encontram-se ali mais de 3 mil exemplares ou álbuns de todas as revistas em quadrinhos imagináveis como *Pimentinha*, *Batman*, *Super-Homem*, *Luluzinha*, *Gato Félix*, *Dick Tracy*, *Flash Gordon*, *Fantasma*. “Tem *O Reizinho?*”, arrisco. “Tem, uma caixa inteira.” Salles vem juntando gibis desde menino em Araxá e em Frutal, para onde a família se mudou e onde seu pai, juiz de direito, também era dono de uma escola secundária. Uma grande parte (como a maioria da biblioteca) é em português, mas há também grande quantidade de originais, como o vasto acervo que comprou da americana EC Comics (cujo último título editado foi a famosa revista *Mad*), depois que a editora fechou as portas.

E há a parte erótica também, esta guardada fechada, estrangeira e nacional. “Tem muita coisa do Carlos Zéfiro?” “Tem, tem...” Como também há outro nicho tentador só de livros policiais e de ficção científica. Mas o grosso, a maior parte da grande biblioteca Câmara Cascudo, é literatura, especialmente brasileira. Ai é inútil tentar destacar um ou outro. A impressão que fica é que qualquer autor, qualquer obra que se imaginar, ele tem. Além de colecionar livros, Salles possui uma imensidade de CDs e DVDs de filmes e vasta coleção de LPs. Tudo contado aos 2, 3, 4 mil. Como não espera viver para sempre, estabeleceu algumas rotinas para bem fruir suas coleções. Vê diariamente um filme, metade durante o dia e metade à noite. Dos livros ainda não lidos ao longo da vida, e das novas edições que não cessam de chegar, compradas por ele ou enviadas por seus autores e editoras, seleciona e lê um capítulo, um conto, ocasionalmente um



CONFRARIA PARA POUCOS

Feita especialmente para aqueles que, além da leitura, veneram o livro-objeto

Com seu vasto conhecimento da literatura feita no país, em 1995 Salles teve a ideia de criar a Confraria dos Bibliófilos do Brasil, para poder produzir ele mesmo edições especiais ilustradas de grandes autores nacionais, usando somente métodos artesanais, e dar vazão a sua paixão de bibliófilo. Isto é, de alguém que gosta de livros “além da sua precípua finalidade de leitura, gosta do ‘livro-objeto’”.

Sempre à base de correspondência – como ele diz, “a velha cartinha, mesmo porque uma confraria de bibliófilos que se preze gosta muito de papel”, espalhou sua intenção país a fora e assim reuniu 350 confrades, chamados de “fundadores”. Seu único compromisso é a aquisição, sem consulta prévia, de todos os livros editados pela confraria. Também recebem regularmente uma lista de obras elencadas por Salles para as próximas edições e os que desejarem podem votar em suas preferidas. Entre os confrades estão os atores Julia Lemmert e Paulo Betti, os banqueiros Pedro Moreira Salles e Joseph Safra, os empresários Ricardo Semler e Horácio Lafer Piva, os diretores de novela Aguinaldo Silva e Manoel Carlos, o jurista Evaristo de Moraes Filho. Até sua morte, em 2010, o bibliófilo mais famoso do Brasil, José Mindlin, com quem Salles manteve um profundo relacionamento, também foi um deles – de primeira hora.

Inicialmente a confraria editava dois livros por ano, um em cada semestre. Mas desde 2002, Salles introduziu também o chamado de Livro do Ano, lançado em dezembro. Desses é feita uma tiragem um pouco maior (cerca de 500 exemplares). As duas outras edições são feitas na quantidade exata dos membros da confraria, que recebem em casa, via correio, seus exemplares numerados e assinados à mão por Salles e, quando possível, pelo autor e pelo artista ilustrador. Há também uns poucos exemplares de sobra, não numerados, para enviar a um confrade recém-chegado ou presentear. Feitas as edições, suas matrizes são destruídas. Quem tem, tem. Quem não tem...

Obras editadas

O primeiro livro da confraria foi *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, com oito xilogravuras do também cearense Abraão Batista. Essa foi a única edição composta com tipos móveis, como no tempo de Gutenberg, letra a letra. Os seguintes já são em linotipia, em que a composição é por linha. Impossível listar o que já forma um respeitável acervo de edições, mas aqui vão mais algumas:

A Hora e a Vez de Augusto Matraga, conto de Guimarães Rosa, com sete gravuras de Poty Lazzarotto. *7 Contos* de Herman Lima, com ilustrações de Sérvulo Esmeraldo e a aquarela na sobrecapa – impressa em serigrafia – de Aldemir Martins. *Prelúdio da Cachaça*, de Câmara Cascudo, com xilogravuras do gravador popular J. Borges. *A Polaquinha*, de Dalton Trevisan, com ilustrações de Darel Valença Lins. *100 Vezes Bandeira*, antologia de poemas de Manuel Bandeira, com ilustrações da gravadora Renina Katz. *Dez Contos Selecionados* de Clarice Lispector, com ilustrações do gravador Marcelo Grassmann. *João Urso e Outros Contos* de Breno Accioly, com ilustrações do pintor, alagoano como o autor, Pierre Chaila. *O Cobrador e Outros Contos* de Rubem Fonseca, com ilustrações de Rubens Gerchmann. *Machado de Assis-10 contos*, com ilustrações de Antonio Henrique Amaral.

Neste mês de dezembro, chega aos confrades *Um Ladrão de Guarda-Chuvas*, de Jurandir Ferreira, com apresentação de Antonio Candido. O grande mestre da crítica literária, já com mais de 90 anos, estava se recuperando de uma cirurgia quando recebeu o pedido de Salles para escrever o texto. Ao saber disso, Salles desanimou – ele não poderia aceitar... Mas, se você ainda não detectou a finíssima qualidade das escolhas deste editor, veja a resposta de Antonio Candido: “Para apresentar o Jurandir Ferreira, eu sairia até da sepultura!”



volume inteiro – desde que curto. Uma das marcas do colecionismo de Salles é que seu acervo é atualizado – ele tem 65 anos e ainda não parou. “Não posso me concentrar numa leitura só, há muitas outras para fazer”.

E a fila anda. É Salles também quem restaura seus livros, numa salinha à qual

se chega depois de atravessar um amplo pátio interno enquadrado bem no meio da casa. E ainda nem falamos de sua atividade principal na Confraria, que publica em tiragens limitadas os mais belos livros feitos no país. São joias artesanais compostas em linotipia sobre papéis feitos à mão, em uma só face da folha, e costuradas também à mão, além de ilustradas com serigrafias e gravuras originais e acondicionadas em caixas igualmente artesanais. Cai o pano sobre o colecionador e abre-se a cortina para o editor que desde 1995 vem reunindo nessas obras alguns dos maiores autores e artistas gráficos nacionais. Leia a seguir. P